Pequena e média produção

UNIÃO AUMENTA ACESSO A INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE*

Luís Fernando Guedes Pinto[1]

HÁ UMA constante preocupação se a inovação para a sustentabilidade associada a instrumentos de mercado é de fato aplicável e acessível para pequenos e médios produtores. A certificação coletiva de produtores foi criada na perspectiva de possibilitar a participação deste público na roda dos potenciais benefícios econômicos e mudanças rumo a um melhor desempenho socioambiental. Nesse tipo de certificação, produtores organizam-se em grupos, sob uma gestão comum que garante o cumprimento das normas de certificação para todos os membros do grupo. As auditorias são feitas em uma amostra dos membros, mas a falha em qualquer produtor resulta em penalidades para todos. Portanto, nem todos são auditados todo ano, mas os riscos são compartilhados.

No Brasil, a certificação de grupos de produtores de café aumentou muito nos últimos anos, chegando, hoje, a representar quase a metade do volume de café certificado pelo sistema de certificação da Rede de Agricultura Sustentável (Rainforest Alliance). Mas, pairou a dúvida se a associação em grupos realmente possibilitava o acesso de produtores médios e pequenos à certificação RAS-RA ou se era somente um atalho ou uma maneira mais barata e mais fácil para grandes produtores se certificarem.

Para conferir essa pergunta, um estudo avaliou todos os certificados desse sistema válidos em 2011, o que englobava cinquenta e cinco produtores certificados individualmente e 144 distribuídos em onze grupos. Foi analisado o tamanho dos produtores, as características de suas propriedades e gestão e os dados sobre suas auditorias.

> “[A CERTIFICAÇÃO COLETIVA] REALMENTE PERMITIU A ENTRADA DE PEQUENOS E MÉDIOS PRODUTORES.”

Concluiu-se que a modalidade de grupo realmente permitiu a entrada de pequenos e médios produtores. Dos cinquenta e cinco produtores certificados individualmente, a área média das fazendas foi de 1.755 hectares, sendo 73% de grandes propriedades e 27% de médias. Nos grupos, a média foi de 243 hectares, sendo 15% de grandes propriedades, 35% de médias e 50% de pequenas. A certificação em grupos foi mais barata por produtor nos grupos, custando, em média, oito vezes menos do que as auditorias individuais. Porém, a intensidade das auditorias – isto é, a duração e o número de auditores por fazenda auditada – foi a mesma que a de fazendas individuais. A nota final de desempenho e o tipo de não conformidade com as normas de certificação foram similares para as fazendas individuais e as certificadas em grupo. Portanto, a certificação em grupo resultou no mesmo rigor e nível de garantia que os observados em processos individuais, além do risco coletivo ser maior nos grupos.

Há uma grande variação de perfil de produtores dentro dos grupos e entre eles, havendo até a participação de pequenos, médios e grandes produtores no mesmo grupo. Os grupos são organizados de diferentes formas: por cooperativas, por união independente de produtores e por *traders* de café. Os grupos variam em tamanho, tendo de três a até quase 100 produtores. Porém, constatamos que o pequeno produtor certificado tem produtividade alta e é um pequeno diferenciado da média. Portanto, o pequeno com baixa produtividade continua fora do mundo e dos potenciais benefícios da certificação.

Esse novo arranjo entre produtores de diferentes tamanhos e perfis e atores da cadeia produtiva nos grupos certificados pode ser uma porta de acesso para inovação e para a sustentabilidade e mostra-se como oportunidades de mercado para os pequenos produtores. Essa é a visão otimista. A mais conservadora é a de que os grupos somente têm sido usados pela ponta da cadeia produtiva para aumentar a oferta de matéria-prima certificada de maneira mais ágil e com menor custo. Somente o longo prazo vai tirar essa dúvida. ■

* O trabalho completo foi publicado na revista científica Ecological Economics

1 Gerente de Certificação do Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola (Imaflora)